

## NACIONAL

■ Um dos maiores mistérios da cultura nacional acaba de ser desvendado. Os painéis de S. Vicente de Fora são da autoria do mestre português Nuno Gonçalves. Um investigador garante que descobriu o "irritante" segredo



# Enigma desvendado

■ A chave do mistério foi encontrada na bota e no botim de duas das figuras principais retratadas no Painel do Infante

MARIA DO CÉU NOVAIS | LUSA

Os célebres Painéis de S. Vicente de Fora, cuja origem e significado intrigam os historiadores há mais de cem anos, afinal sempre estiveram devidamente datados e assinados pelo mestre português Nuno Gonçalves. Jorge Filipe de Almeida, um professor universitário de Matemática que se dedicou ao estudo deste "irritante enigma", garante que o mistério chegou ao fim. A firmeza da sua convicção fá-lo afirmar que a polémica só terá continuidade em gestos de teimosia ou oportunismo científico, e que nas escolas não mais se poderá passar a ideia de uma obra com autoria "atribuída".

A chave, segundo declarou, foi encontrada na bota e no botim de duas das figuras de primeiro plano retratadas no designado Painel do Infante: Nuno Gonçalves inscreveu nelas, de forma subtil, a sua sigla, o seu monograma e a data de finalização da obra, 1445.

A descoberta roça o bizarro, ao resultar de um procedimento demasiado simples: virou-se ao contrário o botim calçado pela per-

sonagem identificada nesta tese como sendo o jovem D. Afonso V.

Assim foram lidos caracteres que, na posição normal, pareciam simples efeitos ornamentais.

Esses caracteres, de acordo com Jorge de Almeida, contêm a sigla do artista, descrito em documentos antigos como uma "águia" da pintura portuguesa, mas cuja vida e obra é apenas vagamente conhecida dos historiadores. As letras "N" e "G", seguem-se os números romanos correspondentes a 445 (quatro "C", um R e um B minúsculo).

Na outra peça de calçado - a bota de quem se presume ser o rei D. Duarte numa representação póstuma - situa-se a segunda marca do autor, agora sob a forma de um monograma, surgindo entrelaçados os mesmos caracteres (N, G e S minúsculo). Na argumentação do investigador, o recurso aos monogramas é frequente em várias escolas de pintura europeia.

A interpretação de Jorge de Almeida está disponível num livro intitulado "Os Painéis de Nuno Gonçalves", redigido em parceria com a sua mãe, Maria Manuela Barroso de Albuquerque, antiga professora de Estudos Clássicos na Universidade de Lisboa. Editado pela Verbo, vai ser apresentado amanhã na Livraria Barata, em Lisboa. Considerados uma espécie de ícone nacional e uma obra maior da pintura universal, os enigmáticos Painéis a que se refere este estudo, actualmente expostos no Museu Nacional

de Arte Antiga, em Lisboa, foram encontrados em 1882 no Paço Patriarcal de S. Vicente de Fora - daí o nome por que se tornaram conhecidos.

Desde então têm inspirado inúmeras interpretações, tanto de carácter científico como de pendor místico. No primeiro plano destacam-se os contributos de José de Figueiredo, Almada Negreiros, José de Bragança, Vergílio Correia, José Saraiva e Adriano de Gusmão. Há quem lhe chame uma história "trágico-cómica" ou "de loucos", tal o carácter exacerbado das aproximações ao tema documentadas no último século. Tempos houve em que a discussão sobre os Painéis rompeu os círculos académicos, entusiasmando a opinião pública de uma forma tida, à data, como inédita.

**CONFRONTO.** O auge da polémica ocorreu na década de 20, quando os intelectuais se envolveram num acérrimo confronto de teorias. As paixões então levadas a extremos culminaram no suicídio de um investigador, Henrique Loureiro. Os pontos nevrálgicos dos Painéis dizem respeito à interpretação iconográfica - quem são as figuras retratadas, e o que celebram reunidas - qual a data da realização da obra (a tese mais frequentemente aceite aponta para 1470) e quem é o autor da pintura, de uma genialidade internacionalmente reconhecida.

Durante algum tempo temeu-se que o mestre responsável pela obra de arte mais celebrada de Portugal

fosse, ironicamente, um artista estrangeiro, talvez um pintor flamengo. A atribuição feita a Nuno Gonçalves, pintor régio da época, tornou-se, nesse aspecto, um factor de conforto. Ao sustentar ter confirmado uma autoria, desejada, que até ao momento não passava de uma hipótese, Jorge de Almeida considera que o seu estudo deve ser encarado como uma "boa notícia". A sua tese também inclui uma interpretação do conjunto da obra, na qual se defende que a figura beatificada é D. Fernando, o Infante Santo, rodeado, num espécie de homenagem fúnebre, pela "Ínclita Geração".

Especialistas em História de Arte, como Vítor Serrão, da Universidade de Lisboa, e José Augusto França, frisaram que o empenho consagrado à decifração dos Painéis tem levado alguns estudiosos a reclamar a posse de uma verdade absoluta que, à luz dos dados disponíveis, parece inacessível.

Preferem, portanto, falar em hipóteses, contributos, teses mais ou menos válidas do ponto de vista científico que, no melhor dos cenários, introduzem pistas novas, levantando uma ou outra ponta do denso véu. Resultados com a pretensão de serem conclusivos são, à partida, encarados com suspeição, dada a complexidade do assunto.

Na opinião do director do Museu de Arte Antiga, José Luís Porfírio, o trabalho desenvolvido por Jorge de Almeida é um exercício de "pura imaginação", baseado numa

"pseudo-leitura de uma série de sinais que não são mais do que efeitos decorativos". E, apesar de atribuir ao autor da tese qualidades como o entusiasmo e a honestidade de propósitos, rejeita liminarmente que a obra tenha qualquer validade do ponto de vista científico. Sustenta, entre vários argumentos, que até ao século XVI é muito raro as pinturas serem assinadas.

Para o guardião dos Painéis, mistério maior do que a origem e história do políptico é o facto de ele sugerir a existência em Portugal, no século XV, de uma oficina de singular envergadura à escala europeia que, estranhamente, parece não ter tido consequências.

Relacionados pelos peritos com a escola de Nuno Gonçalves conhecem-se hoje cerca de uma dezena de obras, estando em estudo um inédito descoberto recentemente no Funchal. Luís Porfírio observa que na época não existiam precauções de conservação patrimonial, o que pode explicar a escassez de peças quatrocentistas inventariadas no país: cerca de sessenta.

Posição distinta tem o historiador Veríssimo Serrão, que qualifica a investigação de Jorge de Almeida como "muito atraente e interessante". Lembrando que a nova tese recupera algumas hipóteses já avançadas no passado, sustenta que a assinatura em botas não era invulgar entre os artistas da escola flamenga, na qual há motivos para incluir Nuno Gonçalves.